

O QUE PODE O ANALISTA OFERECER AO SUJEITO ADOLESCENTE?

Aline Lima Tavares¹

RESUMO: Em *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan assinala que o sujeito se constitui a partir de uma dupla operação - alienação e separação – advindo não somente do campo do Outro enquanto tesouro dos significantes, mas também de uma relação na qual subsiste uma falta, um resto sem representação. Assim, passa a conceber a neurose como tentativa de fazer contorno a esse ponto de falta, traumático, inassimilável, chamado de real. Considerando a adolescência como momento em que um “golpe de real” se abate sobre o sujeito, uma vez que reifica o desamparo fundamental do humano ao desvelar a falha do Outro, trata-se de apontar a importância do fazer do psicanalista, pois é ao escutar os jovens que se abre a possibilidade deles próprios se responsabilizarem pelo seu destino. Essa discussão insere-se no âmbito da ética da psicanálise por apontar a falácia de querer-o-bem-do-sujeito, já que este, constituído a partir do real, resiste a qualquer tentativa de pastoral apregoada pela moral. Relata-se um caso clínico, articulando uma experiência de trabalho num abrigo municipal com a teoria e clínica psicanalítica sobre adolescência.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência. Constituição do sujeito. Ética da psicanálise.

¹**Aline Lima Tavares.** Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicanálise do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Psicóloga do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.

O que pode o analista oferecer ao sujeito adolescente?

Em *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan (1964) teoriza a constituição do sujeito a partir de duas operações distintas, porém simultâneas: alienação e separação. A primeira refere-se a uma escolha forçada onde o ser vivo, para entrar na ordem do humano, das trocas e intercâmbios sociais, submete-se a um significante vindo do campo do Outro.

Para melhor definir do que se trata na escolha forçada, Lacan (1964) nos remete ao exemplo intitulado por ele de ‘A bolsa ou a vida’, onde ao escolher a bolsa, perde-se ambas, a bolsa e a vida, restando, então, como única alternativa, a escolha da vida, porém a partir daí trata-se de uma vida decepada, uma vida sem a bolsa. Da mesma forma, o autor nos explica que, para o escravo, entre a liberdade ou a vida, há apenas a escolha forçada pela vida, que restará para sempre amputada de liberdade.

Deste modo, o sujeito só existe ao se assujeitar ao campo do Outro, da linguagem e do significante: antes disso, o sujeito não é nada. É importante destacar, portanto, a necessidade da existência de um lugar simbólico reservado ao sujeito no campo do Outro, sem o qual sua constituição não se dá. Dito de outro modo, é ao petrificar-se no significante veiculado pelo Outro que o sujeito dá início a sua constituição.

Entretanto, o sujeito não se representa por inteiro no Outro, algo escapa a toda representação, vindo apontar que há um ponto do ser que não se captura pelo significante, que não se traduz em letra. Nesse sentido, a operação de separação termina a circularidade da relação do sujeito ao Outro. Cito Lacan:

“Uma falta é, pelo sujeito, encontrada no Outro, na intimação mesma que lhe traz o Outro por seu discurso. Nos intervalos do discurso do Outro, surge, na experiência da criança, o seguinte, que é radicalmente destacável: *ele me diz isso, mas o que é que ele quer?* Nesse intervalo cortando os significantes (...) está o que chamei de metonímia. É de lá que desliza o que chamamos desejo. O desejo do Outro é apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro”. (LACAN, 1964, p. 209).

Sendo assim, o sujeito aliena-se para passar do ser ao sentido, para ser alguma coisa no campo da existência. Porém, nessa alienação surge, entre o sujeito e o Outro, um ponto cego, um resto sem significação, resto que inaugura o movimento desejante. Esse resto coloca em relevo o Outro em seu limite, o que constitui a operação de separação.

Vale assinalar ainda que, estando o sujeito entre dois significantes - na medida em que um significante é o que representa o sujeito para outro significante, ele é intervalar, pontual, evanescente, aparece para desaparecer. É também no *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, que Lacan (1964) destaca a dimensão pulsativa, de descontinuidade, de fenda do inconsciente, colocando no núcleo da estrutura deste a hiância causal.

Deste modo, sendo a produção inconsciente associada a uma fenda que vem a causá-la, o sujeito passa a advir não somente do campo do Outro enquanto tesouro dos significantes, mas também de uma relação na qual subsiste uma falta. Assim, a partir deste momento de seu ensino, Lacan passa a conceber a neurose como tentativa de fazer contorno a esse ponto de falta, traumático, inassimilável, chamado de real. “O real aqui é o que retorna sempre ao mesmo lugar – a esse lugar onde o sujeito, na medida em que cogita, não o encontra” (LACAN, 1964, p. 55).

Uma vez que o sujeito se constitui a partir do real, daquilo que não cessa de não se escrever, fica evidente sua irremediável divisão, a impossibilidade de realização do bem-estar apregoado pela moral, a falácia de querer-o-bem-do-sujeito. O que pode, então, o analista oferecer ao sujeito? E, mais especificamente, o que pode o analista oferecer ao sujeito adolescente² - que vive um momento lógico que implica justamente um encontro com o real, com algo que escapa à simbolização e o deixa “sem palavras”?

Davi é um adolescente de quinze anos que, ao ter a casa onde residia com seu pai e irmãos invadida por policiais que obrigaram-no a reconhecer e nomear o homem que estava numa foto – importante traficante da comunidade – precisou imediatamente fugir, uma vez que a partir deste episódio seria considerado “X9/delator/traidor”, a quem se pune com a morte.

Neste contexto, o jovem foi levado por seu pai ao Conselho Tutelar e então encaminhado ao abrigo municipal, onde permaneceu por meses, uma vez que seu pai se recusava a se mudar da comunidade, o que inviabilizava o retorno do filho para casa. A mãe de Davi, que morava com o padrasto do adolescente, se disponibilizou a sair da comunidade e ir morar com o filho em outro local, porém este se opunha veementemente a residir com a genitora e seu companheiro, não fornecendo muitas explicações sobre tal recusa.

Durante o período em que permaneceu no abrigo, acompanhamos Davi. Assistimos seus jogos de futebol no clube próximo, onde era tido como melhor goleiro; fomos

²Definido por Alberti (2004;1996).

chamá-lo de manhã quando, às vezes demasiadamente triste, recusava-se a levantar; acompanhamos algumas das visitas de seus pais, indicando para eles as marcas no braço do adolescente, que insistia em escarificar seu corpo, cortando-se de forma que suas cicatrizes formassem tatuagens que designavam as iniciais do nome do pai e da mãe.

Foi quando, numa tarde, ao retornar de uma reunião com seus pais, padrasto e profissionais do Programa de Proteção a Adolescentes Ameaçados de Morte, Davi entrou em nossa sala e pôde dizer um pouco de sua implicação em seu próprio destino: seus pais, que sempre moraram juntos, se separaram quando Davi tinha 12 anos, ocasião na qual a mãe do adolescente saiu de casa e deixou os filhos com o marido. Davi fala que seus pais nunca lhe falaram nada sobre o motivo da separação, mas ele soube - pelas conversas que ouviu em sua própria casa e pelos comentários de vizinhos e familiares – que sua mãe traiu seu pai. O adolescente relata que seu ódio foi tão grande que foi aí que decidiu “andar com o pessoal da boca”, ao que concluiu: “os policiais não entraram na minha casa por acaso, elas me viam com os moleques”.

A partir desse momento, em que o adolescente se responsabiliza pelo que lhe aconteceu, passa a poder pesar o que lhe seria mais insuportável: continuar morando naquele abrigo, onde tantas vezes se via despojado de sua liberdade, do contato com a namorada, amigos e familiares, ou ir morar com a mãe. Em alguns meses, Davi consegue se ver contente por ter um quarto só seu na casa onde em breve residirá com sua mãe e padrasto.

Alberti (1996) assinala que é na medida em que cresce e vai verificando falhas em seus pais, até então idealizados, que o adolescente depara-se com a falta no Outro, que o remete a um desamparo inominável, relacionado ao registro do real. Nesse sentido, a adolescência coloca uma questão ao registro simbólico, que até então dava conta de todo questionamento do sujeito e que agora não é suficiente para dar conta desse ponto de real.

A falta no Outro entrevista pelo adolescente desperta, segundo Lacadée (2011), o sentimento de uma solidão fundamental, vivida pelo sujeito como abandono. Assim, o sentimento de vazio que assombra o adolescente relaciona-se a uma dificuldade em separar-se daquilo que se foi na condição de criança capturada pelo discurso do Outro, ou seja, trata-se de uma dificuldade experimentada pelo sujeito em continuar se situando no discurso que, até então, dava a ele uma idéia de si mesmo: “a queda da identificação fálica em que o adolescente se refugiava quando criança se efetua sob o modo de uma ‘tykhé’ e o confronto com a libido, que dizer, com o corpo em sua dimensão pulsional, tomado como objeto *a*” (LACADÉE, 2011).

Em *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan (1964) ressalta que diante do ponto de falta vislumbrado no Outro, o sujeito pode oferecer-se como objeto de perda:

o primeiro objeto que o sujeito propõe a esse desejo parental cujo objeto é desconhecido, é sua própria perda – Pode ele me perder? A fantasia de sua morte, de seu desaparecimento, é o primeiro objeto que o sujeito tem a pôr em jogo nessa dialética, e ele o põe, com efeito (LACAN, 1964, p. 210).

No caso clínico apresentado, é possível perceber que, ao se deparar com a falta no Outro – a mãe que trai o pai -, Davi se depara com um real impossível de suportar, que reenvia-o a um vazio. Deste modo, podemos pensar que o ato do adolescente, aqui representado por uma decisão de “passar a andar com o pessoal da boca”, apresentou-se como saída para um impasse na relação com o Outro.

Lacadée (2011) ressalta que para se orientar num trabalho com adolescentes é importante estar atento ao seu esforço de tradução da Coisa inominável, do real insuportável com o qual os jovens têm a ver. Assim, podemos pensar os cortes feitos por Davi em seus braços enquanto estava abrigado, isto é, escrita em sua própria carne da letra inicial do nome dos pais, como uma forma de nos apontar sua tentativa de circunscrever, engendrar no simbólico, algo da ordem do que “não cessa de não se escrever”, do real.

Entretanto, ainda era preciso que Davi efetuasse uma passagem com relação à pulsão, indo da dimensão do “ódio de si” à possibilidade que a pulsão se exerça em referência ao vazio da Coisa que causa o desejo. Tal passagem exige um ato ético, um passo discursivo do sujeito. Nessa perspectiva, Sadala (2008) indica que a adolescência pode ser concebida como paralela à constituição de uma ética, quando o enfrentamento do desamparo passa a ser acompanhado da responsabilidade por seus próprios atos.

Para Alberti (1996), somente quando o sujeito consegue falar daquilo que lhe é insuportável, que pode dar conta do quanto ainda vive. Nesse contexto, ressalta a função do analista, que deve se dirigir ao adolescente para fazê-lo trabalhar e produzir sua própria determinação, permitindo-lhe se responsabilizar pelo pulsional que o agita, traçando novos caminhos para seu destino. É nesse sentido que Lacan (1959-60) não cessou de afirmar que a psicanálise não é um idealismo ou ética do Bem Supremo, mas ética do Bem-dizer, apontando a falácia de querer-o-bem-do-sujeito, já que este, constituído a partir do real, resiste a qualquer tentativa de pastoral apregoada pela moral.

Referências

ALBERTI, Sonia. (1996). *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

_____. (2004). *O adolescente e o Outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACADÉE, Philippe (2011). *O despertar e o exílio – ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições*. Rio de Janeiro: Contracapa.

LACAN, Jacques. (1959-60). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SADALA, Glória (2008). O sexo e o mal-estar na adolescência. In: ALBERTI (Org.). *A sexualidade na aurora do século XXI*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

WHAT THE ANALYST CAN OFFER THE ADOLESCENT SUBJECT?

ABSTRACT:

The Seminar, book 11: the four fundamental concepts of psychoanalysis, Lacan points out that the subject is constituted from a double operation – alienation and separation – arising not only from the field of the Other as treasure of signifiers, but also a relationship in which there remains a lack, a remnant without representation. Thus, he begins to neurosis as an attempt to outline this point of failure, traumatic, unassimilable, called real. Whereas adolescence as a time when “real coup” befalls the subject, since it reifies the fundamental human helplessness to unveil the fault of another, it is pointing to the importance of the analyst, it is the listen to young people that opens the possibility of them taking responsibility for their own destiny. This discussion is within the context of the ethics of psychoanalysis for pointing out the fallacy of wanting-good-the-subject, since this constituted from the real, resists any attempt to pastoral trumpeted the moral. We report a clinical case, articulating an experience of working in a municipal shelter with the theory and clinical psychoanalysis on adolescence.

KEYWORDS: adolescence, subject constitution, ethics of psychoanalysis.

QU’EST-CE QUE L’ANALYSTE PEUT OFFIR L’OBJET DE L’ADOLESCENT?

RESUMÉ:

Le Séminaire, livre 11: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse, Lacan souligne que le sujet est constitué d’une double opération – l’aliénation et la séparation – découlant non seulement dans le champ de l’Autre comme trésor des signifiants, mais aussi une relation dans laquelle subsiste un manqué, un reste sans représentation. Ainsi, il commence à la névrose comme une tentative de décrire ce point de défaillance, traumatique, inassimilable, appelé réel. Quel’adolescence comme un moment où “véritable coup” arrive le sujet, car l’irréel’impuissance de l’homme fondamental pour dévoiler la faute d’un autre, il pointe l’importance de l’analyste, c’est la écouter les jeunes qui ouvre la possibilité de les prendre en charge leur propre destin. Cette discussion s’inscrit dans le contexte de l’éthique de la psychanalyse pour souligner l’erreur de vouloir-bien-la-sujet, puisque cela constituait du réel, résiste à toute tentative d’ pastorales claironné le moral. Nous rapportons un cas clinique, en articulant une expérience de travail dans un refuge municipal avec la théorie et la clinique psychanalytiques sur l’adolescence.

MOTS-CLÈS: adolescence, la constitution du sujet, de l’éthique de la psychanalyse.

Recebido em : 29-09-2013

Aprovado em: 09-11-2013

© 2013 *Psicanálise& Barroco em revista*

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.brwww.psicanaliseebarroco.pro.br/revista